

# “A LINGUAGEM E OS PROCESSOS MENTAIS”

**Sérgio Scotti**

Professor do Departamento de  
Psicologia, doutorando em Psicologia  
Clínica, na USP.

## RESUMO

Este artigo trata das relações entre pensamento e linguagem a partir do ponto de vista do sócio-interacionismo (Vygotski), enfocando, mais especificamente, o conceito de “atividade” (Leontiev) em relação às estruturas gramaticais aprendidas pela criança.

## ABSTRACT

*This article deals with the relationship between thought and language from the point-of-view of socio-interactionism (Vygotski), focusing more specifically on the concept of “activity” (Leontiev) in relation with the gramatical structures learned by children.*

Revista de Ciências Humanas	Florianópolis	v.12	n.16	p.63 - 76	1994
-----------------------------	---------------	------	------	-----------	------

No âmbito da lingüística moderna, Noam Chomsky é um dos teóricos que mais claramente propôs as possíveis e prováveis relações entre o fenômeno da linguagem e correlatos processos mentais.

Na época em que Chomsky desenvolveu tais idéias, apresentando-as em suas obras tais como, "Aspects of the Theory of Syntax", "Cartesian Linguistics" e principalmente em "Language and Mind"; a proposição de uma relação específica entre linguagem e processos mentais de uma maneira explícita, causou grande rebulição no meio lingüístico.

A razão de tal rebulição deveu-se ao fato de que, naquela mesma época, os estudos e idéias a respeito da lingüística pautavam-se por uma posição filosófica e por via de consequência, metodológica, que se caracterizava como "anti-mentalista" e empiricista.

Fazendo ressurgir e renascer de forma reelaborada as idéias dos filósofos racionalistas do século XVII, Chomsky posicionou-se de forma frontalmente contrária aos postulados fundamentais do estruturalismo lingüístico. Tal posicionamento, de base fundamentalmente filosófica, frutificou, conseqüentemente, ao nível de elaboração conceitual nas noções de estrutura superficial, estrutura profunda e processos transformacionais; características da gramática gerativa-transformacional.

As críticas de Chomsky atingiram não somente os lingüistas imbuídos do espírito "empiricista", mas também, um dos principais representantes desse posicionamento filosófico-científico ao nível da ciência psicológica; mais precisamente a obra de B. F. Skinner, "Verbal Behavior".

Tais críticas referiram-se basicamente à concepção da aquisição e desenvolvimento da linguagem a partir de conceitos propostos por Skinner tais como: "estímulo", "resposta", "redes de hábitos", "condicionamento", "resposta por analogia", "disposições para responder", etc.

A crítica fundamental de Chomsky ao modelo de Skinner baseou-se na constatação de que tal modelo não poderia explicar efetivamente um dos aspectos mais carac-

terísticos, senão o mais característico da linguagem humana, ou seja, o aspecto criativo dessa capacidade do homem que permite ao usuário da língua, qualquer que seja ela, produzir e compreender uma quantidade infinita de sentenças anteriormente desconhecidas.

A concepção comportamentalista da aquisição e desenvolvimento da linguagem, propõe um organismo passivo diante da estimulação ambiental movido pela lei do reforço, sendo que toda explicação do fenômeno da linguagem teria como ponto de partida, o meio externo que circunda o organismo.

Pela constatação de que o meio ambiente fornece ordinariamente dados degenerados e muito restritos a respeito de uma determinada língua, seria improvável supor que a criança aprenda a mesma língua somente a partir daqueles dados, mesmo concebendo-se a influência do reforço. Tal constatação, entre outras, levou Chomsky a propor uma teoria da linguagem que pudesse explicar entre outras coisas, como o usuário de uma determinada língua, em tenra idade, chega a desenvolver o domínio e compreensão num grau admiravelmente elevado, a partir de dados tão restritos, tendo em vista ainda, que tal domínio e tal compreensão, referem-se a um sistema altamente complexo e abstrato.

A teoria então proposta por Chomsky concebe o organismo como fundamental ativo no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Tal concepção ativa dos processos envolvidos no fenômeno lingüístico manifesta-se na proposição conceitual da noção de competência lingüística, que seria o resultado da internalização pela criança da teoria de sua língua materna, teoria esta composta pelos complexos sistemas de regras que caracterizam, organizam e estruturam a um nível bastante abstrato o conhecimento da língua. No entanto, como já foi mencionado anteriormente, este sistema de regras não poderia ser aprendido pela criança simplesmente a partir da exposição aos dados ambientais, ou mesmo sendo reforçada.

O que propõe Chomsky, então, é que existiria uma “matriz inata”, uma capacidade lingüística inata, ou seja, haveria princípios e formas gerais pré-determinadas que restringiriam a forma e o conteúdo da língua aprendida. Dizendo de maneira bastante simplificada, a gramática adquirida e desenvolvida pela criança seria o simples ajustamento dos dados externos à estrutura pré-determinada de regras pelo menos de forma geral, já presente no organismo biológico.

Até aqui, pretendo apenas introduzir o tema específico a que nos propomos comentar, não nos colocaremos de forma mais extensa ou aprofundada a respeito do que já foi mencionado, tendo em vista que sobre o assunto, vários autores já o fizeram.

Daqui em diante iremos nos concentrar sobre um aspecto específico que Chomsky procura ressaltar quando se refere à habilidade lingüística como dependendo em grande parte de fatores inatos, ou seja, o aspecto bastante interessante de que a habilidade lingüística surge de forma precocemente desenvolvida na criança antes mesmo que seja capaz de desenvolver, em muitas outras áreas, suas capacidades intelectuais ou cognoscitivas.

Na apreciação deste tema pretendemos utilizar-nos das concepções desenvolvidas a respeito dos processos cognitivos pelo teórico da personalidade, Harry Stack Sullivan; e, de alguns resultados obtidos em pesquisas desenvolvidas por Roger Brown, psicolingüísta de Harvard.

Primeiramente, procuraremos expor, de forma breve, como Sullivan concebe os processos cognitivos na sua teorização sobre a estrutura e a dinâmica da personalidade do homem.

Sullivan, no que concerne aos processos de conhecimento, admite três modos de experiência, o prototático, o paratático e o sintático. Transcreverei, aqui, os três modos de experiência como são descritos por C. S. Hall e G. Lindzey, na obra “Teorias da Personalidade”: (...) a experiência prototática “deve ser considerada como séries distintas de estados momentâneos do organismo” (1953, p. 29).

Esse tipo de experiência assemelha-se àquilo que William James chamou a “corrente da consciência”, isto é, às sensações básicas, imagens e sentimentos que fluem através da mente de um ser sensível. Não existem, necessariamente, conexões entre elas, como também não possuem significado para as pessoas que as experimentam. O modo prototático de experiências encontra-se em sua forma pura, nos primeiros meses de vida, constituindo condição necessária ao aparecimento dos outros dois.

O modo paratático de pensar consiste em perceber a relação causal entre acontecimentos que ocorrem quase ao mesmo tempo, mas que não são logicamente relacionados. O famoso escritor Franz Kafka descreve um interessante caso de pensamento paratático, em um de seus contos. É a história de um cachorro que vivia em um canil cercado por um muro alto. Certo dia, estava urinando, quando alguém jogou um osso no cercado. O cachorro pensou: “urinando o osso aparece”. Portanto, toda vez que ele queria comer levantava uma das pernas. Sullivan acredita que muito do nosso pensamento não vai além do nível da paratáxis. Diz ele também que percebemos conexões entre experiências que nada têm em comum. Todas as superstições, por exemplo, são exemplo de pensamento paratático.

O terceiro e mais elevado modo de pensar é o sintático, que consiste na ação de um símbolo, validado pelo consenso comum, símbolo de natureza especialmente verbal. Um símbolo validado pelo consenso comum é tudo aquilo a que um grupo de pessoas atribui um significado permanente. As palavras e os números são os melhores exemplos desses símbolos. O modo sintático produz ordem lógica entre as experiências e habilita as pessoas a se comunicarem entre si.... (p. 168 e 169).

Continuando, transcreveremos a seguir, da obra de Mussen, Conger e Kagan, “Desenvolvimento e Personalidade da Criança”, trechos referentes aos resultados de pesquisas feitas por R. Brown com crianças de idade entre 2 e 3 anos, crianças estas que estavam no estágio I de desen-

volvimento lingüístico segundo a terminologia de Brown, ou seja, crianças que usavam um número médio entre 1,75 morfemas nas suas vocalizações com o número mínimo de 1 morfema e o número máximo de 2 morfemas em cada vocalização:

(...) o adjetivo telegráfico caracteriza a fala espontânea e a fala imitativa de crianças pequenas. Se você pede a uma criança, entre 2 e 3 anos, para imitar uma sentença simples, como "Posso ver a vaca", é possível que responda: "Vê vaca" ou "Eu vê vaca". A criança omite palavras, especialmente os operadores, mas não confunde a ordem, preservando a do modelo. Isto sugere que "a sentença modelo é processada pela criança como algum tipo de construção e não meramente como uma lista de palavras". Neste estágio, a criança dispõe de uma capacidade limitada para realizar este processamento; por esta razão produz umas poucas palavras mas estas são as mais importantes.

Mesmo as primeiras sentenças infantis de duas palavras quase sempre manifestam uma regularidade sistemática na ordenação de palavras; desde o início, a criança de língua inglesa expressa as relações gramaticais básicas relativas ao sujeito da sentença, do predicado e do objeto do verbo. Aparentemente o bebê possui um conjunto simples de regras para formular sentenças, pondo o sujeito e o objeto em suas posições corretas por exemplo, "Eu pegando bola". Há poucas exceções às sentenças bem ordenadas, mesmo no mais primitivo estágio de desenvolvimento da linguagem, o estágio I, na terminologia de Brown e seus colaboradores (...) (p. 209).

(...) desde o mais remoto início da construção de frases, os bebês empregam uma ordem apropriada de palavras, ou seja, seguem uma regra gramatical. Se o bebê de 18 meses sente sede, ele dirá: "Qué água" jamais diria "Água qué" (...) (p. 203).

A partir do que foi exposto, podemos fazer algumas considerações:

Segundo as concepções de Sullivan a respeito do desenvolvimento cognitivo, o modo sintático de pensar começa a desenvolver-se de forma rudimentar, somente em período tardio da infância, tendo seu desenvolvimento pleno realizado em fase bem posterior do desenvolvimento, ou seja, na adolescência. No entanto, observa-se que a habilidade lingüística da criança bem nova, entre 4 e 5 anos de idade, atinge um nível bastante elevado de desenvolvimento em termos de domínio e compreensão da língua materna.

Este descompasso entre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento da habilidade lingüística parece que corrobora o aspecto ressaltado por Chomsky que anteriormente mencionamos, a saber, que a internalização, pela criança, da teoria de sua língua ocorre de certa maneira, independente de suas capacidades cognitivas.

É interessante notar que a criança de 4 ou 5 anos de idade já domina de forma notável sua língua, enquanto ao nível de suas capacidades cognitivas ainda está pensando e raciocinando de modo essencialmente paratático.

A proposição de Sullivan de que no modo sintático de conhecimento a característica principal é o uso de formas simbólicas caracteristicamente verbais em termos de relações lógicas, não contradiz, ao nosso ver, as considerações anteriores na medida em que o que se pretende tratar aqui, em termos de habilidade lingüística, é a capacidade da criança no que diz respeito à produção e compreensão de frases e sentenças bem formadas ao nível lingüístico, e não a sua capacidade de relacionar logicamente os conteúdos mentais que são expressos ou percebidos na forma de linguagem.

O que foi dito anteriormente, no que tange a uma certa distinção entre a capacidade de produzir e compreender sentenças e a capacidade de relacioná-las logicamente, pode ser observado concretamente no comportamento da criança mais nova que expressa ou denota pensamentos e idéias, total ou parcialmente ilógicas e irracionais (paratáticas) em termos dos critérios adultos de racionalidade, através, contudo, de formas gramaticais perfeitamente aceitáveis.

Ainda há mais considerações que julgamos interessantes no que concerne a este aspecto.

Se houvesse alguma concomitância entre o desenvolvimento das capacidades cognitivas propostas por Sullivan e o desenvolvimento da habilidade lingüística, seria de se esperar que a criança ainda na fase do pensamento paratáxico, que justamente nessa época desenvolve sua capacidade lingüística, produzisse junções de palavras ou morfemas simplesmente pela sua contigüidade de ocorrência. Entretanto, o que se observa, e o que é demonstrado pelas pesquisas de Brown, anteriormente citadas, é que há uma tendência sistemática no comportamento de vocalização da criança em ordenar de forma gramaticalmente apropriada suas elocuições, mesmo aquelas mais simples, características de uma fase bastante primitiva do comportamento verbal, o que denota a apreensão de relações gramaticais do sujeito, predicado e objeto do verbo, relações essas de complexidade e nível de abstração consideravelmente elevados que, por outra parte, não se notam ao nível dos juízos lógicos.

As considerações feitas até este momento, parecem corroborar, de algum modo, a idéia proposta por Chomsky de uma certa independência do desenvolvimento das habilidades lingüísticas em relação ao desenvolvimento das habilidades cognitivas. Conseqüentemente, essas considerações também dão força à suposição de que haveria uma capacidade lingüística inata, influenciando de forma decisiva o aprendizado da língua pela criança.<sup>1</sup> No entanto, devemos neste ponto, levantar algumas questões que se fazem necessárias. Haverá alguma outra forma de se explicar a precoce habilidade lingüística da criança que não seja pela concepção inatista ou pela comportamentalista? E, qual será a verdadeira relação entre a fala incipiente da criança e seus processos mentais?

Para responder a estas questões nos valeremos das concepções do materialismo histórico aplicadas e desenvolvidas

---

<sup>1</sup> Em trabalhos mais recentes como " Reflexões Sobre A Linguagem" e "Regras e Representações", Chomsky aprofunda e desenvolve suas idéias, mas mantém e reitera o princípio do inatismo.

por L.S. Vygotski e A.N. Leontiev no que diz respeito à aquisição da linguagem e sua relação com os processos mentais.

Quanto à aquisição da linguagem, os autores russos chamam a atenção para um fato pouco considerado, tanto por Chomsky, quanto pelos comportamentalistas, que é a intervenção ativa do adulto no processo de aquisição da língua realizado pela criança.

O adulto não é um mero estimulador, ou reforçador. Reduzir a intervenção do adulto neste processo a estes termos, seria uma tosca simplificação da complexa interação que se desenvolve entre o adulto que instrui, orienta, interroga, corrige, responde, repreende, auxilia, etc, e a criança, que também interage ativamente com o adulto, tanto ao nível verbal, quanto ao nível não verbal.

Se por um lado, o adulto intervém ativamente no desenvolvimento geral da criança e, especialmente no seu desenvolvimento lingüístico, servindo como mediador da relação dela com o mundo, a criança, por sua vez, aos poucos, vai internalizando, entre outras coisas, a própria linguagem que serve de mediadora na relação dela com os adultos.

Essa internalização da linguagem, torna-se evidente através da observação do fenômeno, que é o monólogo egocêntrico, no qual a criança reproduz sua interação com os adultos.

Não é necessária a suposição de um fundamento biológico herdado, para a compreensão da aquisição da linguagem. A própria atividade concreta da criança, fundamenta e organiza essa aquisição que se desenvolve na sua interação com o mundo através dos adultos. Interação essa que se reproduz e enriquece na atividade do brinquedo acompanhado pelo monólogo egocêntrico, que serve de base para o desenvolvimento ulterior da fala interior e do próprio pensamento.

Para aclararmos mais esta questão, precisamos lembrar a distinção que faz Vygotski quanto aos aspectos fonético e semântico da fala. Em sua obra, "Pensamento e Linguagem" ele diz, (...) quanto ao significado, a primeira palavra da criança é uma frase completa. Semanticamente a criança parte do todo, de um *complexo significativo* (grifo é nosso), e só

mais tarde começa a dominar as unidades semânticas separadas, os significados das palavras e a dividir o seu pensamento, anteriormente indiferenciado, nessas unidades. Os aspectos semântico e externo da fala, seguem direções opostas em seu desenvolvimento - um vai do particular para o geral, da palavra para a frase, o outro vai do geral para o particular, da frase para a palavra, (p. 109).

Salvo melhor juízo, parece-nos que nos encontramos aqui, diante das estruturas profundas de que fala Chomsky, ou seja, dos complexos significativos que geram a fala incipiente da criança que só pode expressá-los através de uma ou duas palavras. E de onde surgiriam esses complexos significativos, senão da própria atividade concreta da criança na qual se relacionam os sujeitos, predicados e objetos? Posteriormente, será o domínio das formas gramaticais que lhe permitirá diferenciar seu próprio pensamento e consciência que são, em última análise, o reflexo de sua atividade concreta no mundo.

Se não fosse assim, teríamos que supor também um substrato inato para as formas mais elevadas do pensamento, o que não é verossímil, pois o que se constata é que sem a linguagem desenvolvida não há pensamento desenvolvido. Isso não significa dizer que ambos são a mesma coisa, como lembra Vygotski.

A tese que defendemos, portanto, é a de que o verdadeiro substrato da linguagem não está no interior da criança, mas sim à sua volta, no mundo que a rodeia, mundo de natureza fundamentalmente social no qual realiza ações e no qual é objeto das ações de outros, ações essas mediatizadas pela linguagem.

Em suma, a atividade concreta da criança e seu reflexo psíquico que é a consciência, permitem à criança a formação de complexos significativos ao nível semântico que se expressam ao nível fonético. Mais do que isso, o pensamento da criança como diz Vygotsky, realiza-se na linguagem verbal que, por usa vez, permite ao pensamento da criança generalizar-se, diferenciar-se cada vez mais. Sim, pois tal como

Vygotski ressalta, o significado da palavra é algo que é dinâmico, modifica-se com o tempo e as circunstâncias. De início, a fala da criança é fundamentalmente nominativa, referencial, presa às situações imediatas e concretas. Posteriormente, adquire e desenvolve a função significativa da fala que lhe permite expressar suas idéias, compreender as de outros e entabular uma conversação, pois já é capaz de, através da palavra, distanciar-se do concreto, abstrair.

Todo este processo desenvolve-se e manifesta-se, como já dissemos antes, no monólogo egocêntrico que evolui para a fala interior. Vygotski, diferentemente de Piaget, não vê a fala egocêntrica como um simples acompanhamento da atividade da criança sem nenhuma função no desenvolvimento do pensamento. Para ele, a fala egocêntrica marca a transição das funções interpéssicas para as intrapéssicas, ou seja, através dela a criança reproduz sua atividade social e coletiva ao mesmo tempo que lhe serve de orientação mental, compreensão consciente de suas ações e superação de dificuldades frente a problemas.

Com o tempo, a fala egocêntrica que de início é externamente vocalizada, vai perdendo essa característica e se transforma em fala interior que, além disso, adquire características próprias como a abreviação e uma estrutura fundamentalmente predicativa. Dizendo de outra forma, na fala interior o discurso vai se “dobrando” de tal forma que se cria a impressão do pensamento sem palavras.

Vemos aqui, novamente, como a atividade concreta da criança, atividade fundamentalmente social, mostra-se como a verdadeira base sobre a qual se edifica não só a linguagem, mas seus próprios processos cognitivos, seu pensamento.

Retornando agora à questão inicialmente levantada sobre a discrepância entre o desenvolvimento cognitivo da criança e o fato de que ela demonstra a compreensão de regras abstratas de sua língua, devemos reconhecer que, na verdade, talvez tais regras não sejam tão abstratas assim, nem tenham sua origem em alguma estrutura herdada.

Tais regras, nos parece, não podem ser vistas como estruturas desencarnadas, flutuando na mente da criança a espera de situações concretas nas quais possam se manifestar para depois voltarem ao seu nível puramente abstrato.

Neste ponto do nosso trabalho, que, como qualquer trabalho científico deve cumprir seu papel heurístico, gostaríamos de sugerir a idéia de que aquelas regras gramaticais de que falávamos, refletem, na verdade, a própria estrutura da atividade concreta da criança. Ou seja, a estrutura gramatical que rege a fala da criança é gerada por, e reflete a estrutura geral da atividade humana.

Leontiev caracterizou a atividade humana, geradora da consciência, como uma estrutura complexa na qual estão envolvidos os motivos ou objetos da atividade, realizada por um conjunto de ações que buscam determinados fins; ações essas que se desenvolvem através de operações definidas pelas contingências ou circunstâncias nas quais se viabiliza a própria atividade.

Ora, toda a ação encontra sua expressão, isto é, ela é refletida no predicado que se refere a um sujeito cujos motivos se traduzem nos próprios objetos da sua atividade que, se desenrola nos limites de certas contingências de lugar, tempo, modo, etc. Vemos, assim, uma correspondência entre as estruturas gramaticais e a estrutura geral da própria atividade humana. Dizemos mais, aquela gramática reflete esta atividade.

Estaria aí, então, a resposta à questão sobre a discrepância entre o domínio da linguagem e o desenvolvimento cognitivo da criança. Ela, na verdade, não necessita habilidades cognitivas muito desenvolvidas para o domínio da linguagem, pois esta não depende fundamentalmente daquelas, mas, sim, da sua atividade que é refletida pela linguagem através das palavras e das estruturas gramaticais que, ao nosso ver, espelham a estrutura da própria atividade da criança.

Outra questão que também merece resposta é aquela sobre a capacidade da criança gerar ou criar frases totalmente novas, nunca ouvidas antes por ela. Ao nosso ver,

não seria uma competência lingüística inata a responsável por tal capacidade. Na verdade, é a atividade criativa da criança, especialmente no brinquedo, que novamente se reflete na linguagem. A fala e a própria gramática subjacente a ela são o reflexo de uma atividade criadora, elas mesmas são uma criação da atividade social da criança, onde o adulto ocupa papel decisivo, como já vimos.

Não seria possível, no espaço de um artigo, tratar de todas as implicações geradas por nosso ponto de vista. No entanto, ao final desse trabalho, gostaríamos ainda de lembrar que a linguagem adquirida e desenvolvida pela criança torna-se, ela própria, uma forma de atividade que talvez seja a mais característica do homem e, que repercute de modo amplo e profundo sobre todas as outras formas da atividade humana.

Acreditamos que as idéias esboçadas possam ter alguma significação para os estudos lingüísticos que buscam os universais lingüísticos, os quais, teriam que ter por base a estrutura geral da atividade humana.

Por outro lado, se nossas idéias são de algum modo corretas, as gramáticas específicas de cada língua devem necessariamente refletir a história da atividade concreta e específica das culturas de onde se originaram.

Pensamos que os aspectos levantados até aqui já são consideravelmente suficientes para uma maior reflexão e investigação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOMSKY, N. *Linguagem e pensamento*. Petrópolis : Ed. Vozes, 1971.  
\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a linguagem*. Lisboa : Edições 70, 1975-1977.

\_\_\_\_\_. *Regras e representações - a inteligência humana e seu produto*. Rio de Janeiro : Zahar, 1980-1987.

COELHO, M.; LEMLE, M.; LEITE, Y. *Novas perspectivas lingüísticas*. Petrópolis : Ed. Vozes, 1970.

HALL, C. S. *Teorias da personalidade*. São Paulo : EDUSP, 1973.

LEMLE, M. Universais lingüísticos. *Revista Brasileira de Lingüística*. V.3. Petrópolis : Ed. Vozes, 1971.

- LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa : Horizonte, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Actividad, consciência y personalidad*. Buenos Aires : Ciência del Hombre, 1978.
- LURIA, A. R. *Pensamento e linguagem - as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1986.
- LYONS, J. *As idéias de Chomsky*. São Paulo : Ed. Cultrix. s/d.
- MUSSEM, P. H.; CONGER, J. J.; KAGAN, J. *Desenvolvimento e personalidade da criança*. São Paulo : Ed. Harbra, 1977.
- VYGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo : Martins Fontes, 1989.
- VYGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo : EDUSP, 1988.